

Petroquímica terá de caminhar sozinha

por Janice Menezes
do Rio

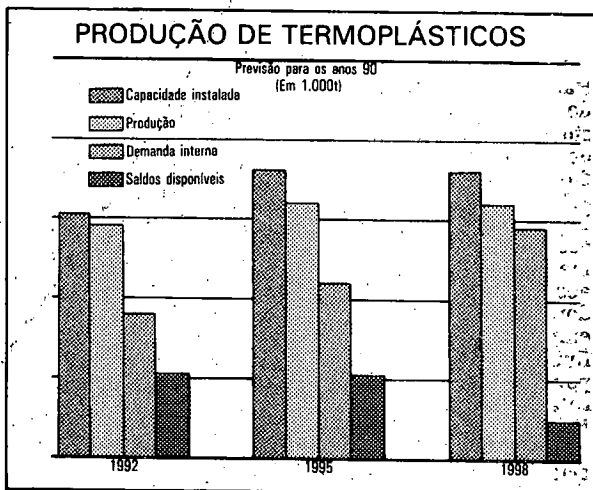
A indústria petroquímica nacional vai enfrentar um grande desafio nesta década: a perda da forte tutela do Estado, dando fim às proteções e desmontando o tradicional modelo tripartite (Estado, iniciativa privada nacional e grupos estrangeiros).

Os empresários petroquímicos, embora divergindo quanto à forma de privatização da Petrobrás Química (Petroquisa) — "holding" do setor, que congrega 35 empresas —, dizem não se intimidar com a nova realidade e mostram disposição de caminhar sozinhos em um mercado que também estará mais aberto a grupos internacionais que queiram instalar suas fábricas no Brasil.

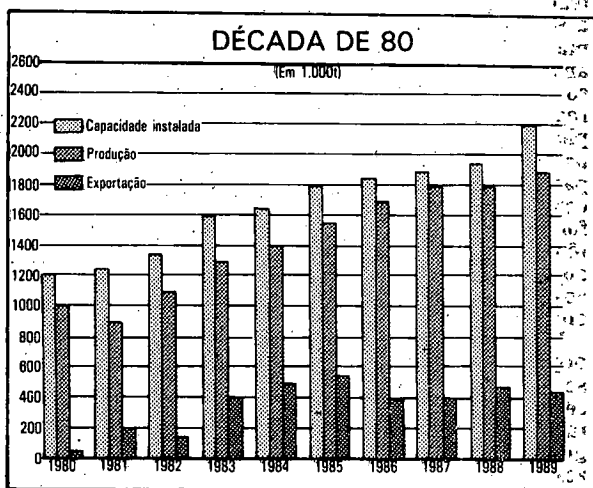
"O que pretendemos: uma petroquímica forte, concentrada, ou frágil e fragmentada?", indaga o presidente da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), Carlos Mariani Bitencourt. Segundo ele, o setor, atualmente, reúne cerca de 40 empresas, sendo 35 delas com ações da Petroquisa, monoprodutoras, sem capacidade gerencial e atraso tecnológico. "Nossas companhias até são competitivas a nível de operação de fábrica. As unidades são de médio ou grande porte, porém os gastos administrativos as tornam pequenas ante o mercado internacional", disse Mariani.

De acordo com ele, o processo de privatização da Petroquisa será a "grande oportunidade" para o setor amadurecer, com a formação de grandes grupos multiprodutores, com escala, gerenciamento e tecnologia para competir com a forte petroquímica internacional.

"A média de faturamento de nossas empresas petroquímicas gira entre US\$ 100 milhões e US\$ 200 milhões, enquanto uma única companhia internacional fatura US\$ 5 bilhões, quase o total arrecadado por todos os grupos nacionais. Também não queremos ser os monstros da petroquímica, mas pelo menos melhorar a eficiência e aumentar a competitividade", co-



Fonte: Petroquisa



mentou o presidente da Abiquim.

O setor petroquímico nacional, segundo ele, tem um faturamento anual em torno de US\$ 9 milhões, sendo que entre 25 e 30% deste montante é proveniente de exportações. A intenção do setor nesta década é o pelo menos manter os volumes já negociados no exterior.

"As vendas externas sempre foram uma boa saída para escoar os excedentes.

Nesta década, entretanto, a disputa no mercado internacional estará mais acirrada pelo excesso de oferta de produtos", salientou Michel Hartveld, diretor de desenvolvimento da União de Indústrias Petroquímicas (Unipar).

Na avaliação de Hartveld, a retirada do Estado do setor, aliada aos proble-

mas a serem enfrentados na década de 90, comprová- rá que empresas que sempre viveram sob a proteção do governo terão maior dificuldade de sobrevivência. Já aquelas que, embora se beneficiando de alguns subsídios trabalharam com eficiência e autonomia, conviverão em harmonia com o novo perfil.

Outra dificuldade apontada por Hartveld é o atraso da tecnologia nacional. O setor petroquímico tem projetado para os anos 90 investimentos da ordem de US\$ 6 bilhões (expansão do pólo petroquímico de Camaçari, ampliação do pólo petroquímico do Rio Grande do Sul, expansão da petroquímica União e a implantação do pólo petroquímico do Rio de Janeiro) e terá que comprar mais uma vez tecnologias estrangeiras.